

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LXI



GRINALDAS DE VIOLETAS. EPÍTETOS DERIVADOS DE *ION* E SUAS VALÊNCIAS NA POESIA GREGA*

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

Universidade de Coimbra

Bolseiro de Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia
carlosamjesus@gmail.com

Resumo

Pretendemos, com este artigo, analisar os epítetos poéticos mais significativos formados a partir do termo ἰόν (“violeta”), a saber: ἰοδνεφής, ἰοειδής, ἰόεις, ἰοβλέφαρος, ἰογλέφαρος, ἰανόφρυς, ἰόπλοκος, ἰοπλόκαμος, ἰόκολλος, ἰόζωνος, ἰόγληνος, ἰοστέφανος. Centrando-nos na poesia grega, nas suas diversas modalidades, da épica homérica ao período helenístico, tentaremos chegar às conclusões possíveis no que toca aos sentidos da flor e da cor comumente a ela associada, quando usada nesses compostos poéticos.

Palavras-chave: lírica grega, épica, epítetos, violeta, ἰόν.

Abstract

The aim of this paper is to analyse the most important poetical epithets formed upon the word ἰόν (“violet”): ἰοδνεφής, ἰοειδής, ἰόεις, ἰοβλέφαρος,

* A investigação de que resulta este artigo foi motivada pelo convite que nos foi endereçado para participar no VII Congresso Internacional sobre a Violeta, organizado pelo Museu Botânico da Escola Superior Agrária de Beja, que teve lugar nessa mesma cidade entre os dias 26 e 28 de Fevereiro de 2007. Ao Doutor Luís Carvalho, que entendeu pertinente a presença de um estudo desta natureza em tal encontro – ainda que em moldes mais simplificados –, fica aqui manifesto o nosso agradecimento. À Doutora Luísa de Nazaré Ferreira estamos muito gratos pela primeira leitura crítica que fez deste nosso trabalho.

ιογλέφαρος, ιανόφρυς, ιόπλοκος, ιοπλόκαμος, ιόκολπος, ιόζωνος, ιόγληνος, ιοστέφανος. Focusing on Greek poetry, in its several genres, from the Homeric epic to the Hellenistic period, we try to come to some conclusions on the semantic meanings of the flower and the colour commonly associated to it, when used in such poetic compounds.

Keywords: Greek lyric, epic, epithets, violet, ἴον.

O poeta da *Odisseia*, quando descreve o jardim que circunda a gruta de Calipso (5. 63-75), cenário onde aporta Ulisses, naufragado, diz que aí “floriam suaves pradarias de aipo e violeta” (5. 72). Séculos mais tarde Píndaro, num texto a que adiante concederemos grande relevo, um diti-rambo dedicado aos Atenienses (*Dyth.* 4 = fr. 75 Maehler), descreve com estas palavras a chegada da Primavera a Atenas¹ (vv. 14-19):

φοινικοεάνων ὀπότη' οἰχθέντος Ὠρᾶν θαλάμου
 εὐοδμον ἐπάγοισιν ἔαρ φυτὰ νεκτάρεια.
 τότε βάλλεται, τότε' ἐπ' ἀμβρόταν χθόν' ἔραταί
 ἴων φόβαι, ῥόδα τε κόμαισι μείγνυται,
 ἀχεῖ τ' ὀμφαῖ μελέων σὺν αὐλοῖς,
 οἰχνεῖ τε Σεμέλαν ἐλικάμπυκα χοροί.

Quando se derrama o tálamo das purpúreas Horas,
 as flores perfumadas trazem a Primavera de doce fragrância.
 Então brotam, sobre a terra imortal, os amáveis
 tufo de violetas, as rosas nos cabelos se entrelaçam,
 ecoa o som das canções, acompanhado de flautas,
 e aproximam-se de Sêmele de diadema os coros.

O poeta mistura cores e perfumes, pintando por palavras um verdadeiro banho sinestésico, bálsamo que revitaliza uma cidade que ressurgue com a Natureza, espaço geográfico e cultural onde o movimento de coros, alegres em sua celebração, completa o quadro festivo.

¹ Também Teofrasto (*HP* 6.8.1) e Plínio-o-Antigo (*HN* 21.64) aludem à tradição de considerar a violeta, entre as flores do campo, a mensageira da Primavera.

Elemento recorrente nas descrições poéticas e em prosa da paisagem grega, a violeta revelou-se também um rico expediente poético, intervindo na formação de epítetos, alguns deles já presentes na épica e depois amplamente recuperados e renovados por todas as modalidades da lírica grega, material que neste estudo nos propomos analisar. Em termos mitológicos, e de resto à semelhança de outras flores, também para a violeta a cultura grega dispunha de um mito etiológico. Na versão que transmitiu Pausânias (7. 17. 9-10), Átis, companheiro da deusa Cíbele, foi desejado pelo hermafrodita Agdístis e, no termo de uma orgia em que se envolveu, castrou-se a si próprio, vencido pela vergonha. Diz-se que da sua sepultura brotaram violetas. Na versão de Ovídio (*Fast.* 4. 223 sqq.), Átis é alvo da paixão da própria Cíbele, que faz dele guardião do seu templo, em troca da sua castidade. Mas Átis não resiste à paixão pela ninfa Ságaris, que a deusa acaba por matar, com isso provocando a loucura do jovem e, conseqüentemente, a sua auto-castração. Este mito, à semelhança de tantos outros – Adónis, Narciso ou Jacinto, apenas alguns exemplos – seguem um mesmo esquema: a morte e o sangue derramado de uma figura de beleza extraordinária provocam, num misto de reação telúrica e intenção de homenagem, o nascimento de uma flor que, de algum modo, para sempre celebre a beleza da personagem que morreu.

Com o presente estudo procuramos apresentar e discutir, de forma ordenada e algo esquemática², os principais epítetos em cuja formação intervém, em posição inicial, o termo ἴov³ (“violeta”), buscando com isso as

² Apresentamos os dados da nossa pesquisa por ordem de importância, ou seja, dos epítetos mais frequentes – e como tal, à partida, literária e culturalmente mais significativos – para aqueles que, na produção poética grega que conservamos, registam um menor número de ocorrências. Exceção seja feita aos dois primeiros e ao último dos epítetos estudados: se aqueles surgem a início, porquanto deles conservamos ocorrências na épica homérica e em Hesíodo, o último, de longe o que granjeou mais fama, foi propositadamente deixado para o final, por auxiliar bastante os nossos esforços de conclusão. Os autores e obras são referidos de acordo com as siglas fixadas por H. G. LIDDELL-R. SCOTT – H. STUART JONES, *A Greek-English Lexicon* (Oxford 1996) [de ora em diante referido apenas como *LSJ*].

Semelhante trabalho foi levado a cabo por Oliveira 1967, num artigo em que se sente a falta de algumas ocorrências importantes, talvez porque mais apostado em conclusões globais sobre o significado da flor na cultura e na poesia grega do que na discussão da semântica particular de cada epíteto e de cada ocorrência.

³ É necessário não confundir com ἴος (“arco”), termo que intervém na construção de epítetos tão frequentes na épica homérica como ἰοχέαιρος, “arceiro” (e.g. Ἄρτεμις ἰοχέαιρα: *Il.* 5. 53, 5. 447, 6. 428, 20. 39, 20. 71, 24.

informações possíveis quanto aos seus significados e sentidos poéticos. Como tal, não só a poesia será tida em conta – embora seja ela, regra geral, o ponto de partida –, mas também os textos em prosa e os comentários antigos que, de algum modo, confirmem a permanência e reutilização dessas formas linguísticas e ajudem, eles próprios, a explicitar o seu sentido. Mais do que um trabalho estatístico, é nosso propósito discutir as valências semânticas dos compostos estudados, sobretudo na poesia grega, não deixando de ser aflorados esses outros epítetos, dos quais, embora não conservemos qualquer ocorrência poética, nos dá nota a prosa em língua grega, alguma dela bastante tardia.

Uma vez elencados e discutidos os principais epítetos considerados, buscaremos as conclusões possíveis no tocante à importância da violeta e da cor a ela mais frequentemente associada na cultura grega, a partir dos múltiplos sentidos que, ao longo do estudo, fomos atribuindo ao material linguístico discutido.

ιοδνεφής

(1) *Od.* 4. 135: ἡλακάτη τετάνυστο ιοδνεφές εἶρος ἔχουσα

(2) *Od.* 9. 426: καλοί τε μεγάλοι τε, ιοδνεφές εἶρος ἔχοντες

Formado pela junção de ἴον e δνόφος, querendo o último termo significar “escuridão” ou “treva”⁴, o sentido original deste epíteto seria “escuro como a violeta” ou, no limite, “da cor escura da violeta”. Ausente da *Ilíada*, surge apenas em dois passos da *Odisseia* (1-2), em ambos no contexto de uma mesma fórmula, a iniciar o segundo hemistíquio (ιοδνεφές εἶρος). Ambos os passos aludem à cor da lã, sendo que (1) se refere à que estaria contida no cesto que uma serva traz a Helena, ao passo que (2) caracteriza a lã, em estado virgem, das ovelhas de Polifemo. Que a primeira pudesse ser “escura como a violeta”⁵ é facilmente compreensível, mas as reticências surgem quando se trata de interpretar à letra a utilização dessa fórmula para

606; *Od.* 6. 102, 11. 172, 15. 478) ou ἰόμωρος (e.g. Ἀργεῖοι ἰόμωροι: *Il.* 4. 242, 14. 479), com sentido muito próximo do anterior.

⁴ O termo δνόφος, isolado, é bastante raro (Simon. 543. 12; A. *Ch.* 52; δνοφέος: B. 16. 32), sendo mais comum o seu derivado δνοφερός (e.g. *Il.* 9. 15 [a água], *Od.* 13. 269 [a noite], Pi. *P.* 4. 112 [adv.]), exactamente com o mesmo significado.

⁵ Vd. Schol. Vet. *Od.* 4. 135: ἰοδνεφές] μέλαν ἢ πορφυροῦν, ἢ τὸ λεγόμενον ἰάνθινον. Isso defendia já Oliveira 1967: 157-158 e n. 21.

as ovelhas de Polifemo. Pese embora a opinião de alguns autores⁶, para quem elas seriam, de facto, dessa cor, esta utilização em particular leva-nos a concluir que, desde muito cedo, o epíteto *ιοδνεφής* – como os restantes em que é mais evidente uma notação de cor – tivesse o sentido implícito de “escuro”, de uma tonalidade próxima mesmo do negro que, banhada pelos raios de sol, apresenta reflexos de azul ou de púrpura, opinião partilhada já pelo sofista Apolónio (*Lex.* 91. 21), do séc. I da nossa era (ἤτοι μέλαν ἢ ἄνθει ὅμοιον – “escuro ou semelhante à flor”) e por Hesíquio, no séc. V (μέλανι ἄνθει παραπλήσιον – “semelhante a uma flor escura”).

ιοειδής / ίοεις

- (1) *Il.* 11. 298: ἢ τε καθαλλομένη ιοειδέα πόντον ὀρίνει
- (2) *Il.* 23. 850: Αὐτὰρ ὃ τοξευτήσι τίθει ιόντα σίδηρον
- (3) *Od.* 5. 56: ἔνθ' ἐκ πόντου βὰς ιοειδέος ἤπειρόνδε
- (4) *Od.* 11. 107: Θρινακίη νήσω, προφυγῶν ιοειδέα πόντον
- (5) *Hes. Th.* 3: καί τε περὶ κρήνην ιοειδέα πόσσ' ἀπαλοῖσιν
- (6) *Hes. Th.* 844: καύμα δ' ὑπ' ἀμφοτέρων κάτεχεν ιοειδέα πόντον
- (7) *Hes. fr.* 380. 1: ἀμφὶ περὶ κρήνην ιοειδέα
- (8) *Ibyc.* S 221. 8 Page: ιόντα μέ[λινα]

Semelhante conotação de cor têm estes dois epítetos que, juntamente com o anterior, constituem os únicos dois casos com ocorrências na épica homérica que conhecemos, do grupo dos compostos que estamos a tratar. Podem traduzir-se ambos por “de aspecto semelhante à violeta” ou, mais simplesmente, “violáceo”. Designa o primeiro deles o mar nos Poemas Homéricos (**1, 3, 4**) e em Hesíodo⁷ (**6**), bem como o ferro das armas de Aquiles, na *Ilíada* (**2**)⁸.

⁶ Heubeck (et alii) 1988: 203 entende que “as ovelhas de Polifemo seriam necessariamente dessa cor e que não é forçoso entender que a lã tivesse que ser tingida antes de ser tirada.” Contra esta ideia, repare-se como também os bois são, em dois momentos dos Poemas Homéricos, ditos “cor de vinho” (βόε οἴνοπε: *Il.* 13. 703; *Od.* 13. 32). Assim, em ambos os casos, a referência deve ser à cor escura do animal, a um negro que reflecte tonalidades de azul e púrpura.

⁷ Cf. Luciano (*Salt.* 24. 5): ὁ δὲ Ἡσίοδος, οὐ παρ' ἄλλου ἀκούσας ἄλλ' ἰδὼν αὐτὸς ἔωθεν εὐθὺς ὀρχουμένας τὰς Μούσας, ἐν ἀρχῇ τῶν ἐπῶν τοῦτο περὶ αὐτῶν τὸ μέγιστον ἐγκώμιον διηγείται, ὅτι “περὶ κρήνην ιοειδέα πόσσ' ἀπαλοῖσιν ὀρχεῦνται.” τοῦ πατρὸς τὸν βωμὸν περιχορεύουσαι.

⁸ Quinto de Esmirna (6. 48) entendia, neste ponto, que o epíteto significava

Se faz sentido considerar que o mar seja “violáceo”, de um tom azulado ou mesmo púrpura⁹, próprio do momento do pôr-do-sol – com isso se aproximando do sentido desse outro epíteto homérico, οἶνουψ, “da cor do vinho” (e.g. *Il.* 5. 771, *Od.* 1.183)¹⁰ – tal interpretação já não parece plausível para a cor das armas descritas na *Ilíada*, que devemos entender simplesmente como “escuras” ou “negras”¹¹, nunca como

“adequado a arcos”, considerando que o substantivo interveniente na formação do termo era ἰός (‘arco’). Vd. supra, n. 3. No entanto, é mais coerente entender aqui um sentido cromático, dado a partir do nome da flor; é que, apesar de, noutros passos, o ferro receber uma adjectivação bastante diversa (e.g. *Il.* 4. 485 [αἰῶωνι σιδήρῳ, “ferro fulgente”] e 9. 366 [πολιόν τε σίδηρον, “ferro cinzento”]), em todos estes casos é frequente dar realce à sua cor.

⁹ Essa é a interpretação do schol. vet. in Hes. *Th.* 3b.1: <ιοειδέα> ἀνθώδη, μελάνυδρον· ἴον γὰρ εἶδος ἀνθους· ἢ τὴν ἴοις περιπεφραγμένην, ἀνθώδη· ἢ διαυγὴ καὶ καθαράν. Para Eustácio (in *Il.* 3. 199. 10), o epíteto carrega ainda a carga semântica da vastidão do mar: Πόντος δὲ ἰοειδῆς οὐ μόνον ὁ μέλας καὶ ἀνθους ἴου εἶδος ἔχων, ἀλλὰ καὶ ὁ πλατύς καὶ ἀνεπιπρόσθητος τῇ ὄψει, δι’ οὗ ἔστιν ἰέναι ἀκωλύτως τὸ βλέπειν, ὡς ἔν τινι παραβολῆς νοήματι δηλοῖ ὁ ποιητής.

¹⁰ Essa associação é já feita por Plutarco (*De fac.* 934F): ὦν τὰ μὲν τῆς θαλάττης ἐπικεχείρηκεν ἀμωσγέπως ἐξονομάζειν Ὅμηρος ‘ιοειδέα’ καλῶν καὶ ‘οἶνοπα πόντον’, αὐθις δὲ ‘πορφύρεον κύμα’ ‘γλανκὴν’ τ’ ἄλλως ‘θάλασσαν’ καὶ ‘λευκὴν γαλήνην’, τὰς δὲ περὶ τὴν γῆν διαφορὰς τῶν ἄλλοτ’ ἄλλως ἐπιφαινομένων χρωμάτων παρήκεν ὡς ἀπειρους τὸ πλῆθος οὔσας. Elucidativa é ainda a explicação de Aristides (247. 26): Πέλαγος δὲ οὐδεὶς πω διὰ τέλους ἦσεν οὔτε ποιητῆς οὔτε λογογράφος, ἀλλ’ Ὅμηρος λέγει ἰοειδέα πόντον καὶ οἶνοπα πόντον, καὶ Εὐριπίδης ἄλα πορφυρέην, καὶ εἰ δὴ τις ἄλλος ἄλλο τι τοιοῦτον· τὰ δὲ πολλὰ καὶ βλασφημοῦσιν εἰς τὴν θάλατταν, ἀλμυρὰν καὶ βαρῦβρομον καὶ τὰ τοιαῦτ’ ὀνομάζοντες.

¹¹ Isso entendia já Eust. in *Il.* 4. 847. 20: Ὅτι τοῖς τοξευταῖς Ἀχιλλεὺς <ἐτίθει ἰόντα σίδηρον>, τουτέστι μέλανα, ὁμοίως τῷ <ιοειδέα πόντον>, ἢ ἐπιτήδειον εἰς ἰοὺς ἤγουν εἰς βελῶν ἐργασίαν, ἐξ οὗ νοεῖται ὁ καθαρός, ἢ γὰρ λεπτή, φασί, κατατομὴ καθαροῦ δεῖται σιδήρου, ἢ τὸν μάλιστα ἰοῦ δεκτικόν. E os escoliastas parecem também unânimes, no caso particular, em entender o epíteto no sentido de “escuro” ou “negro”: Schol. *Il.* 23. 850b: <ἰόντα σίδηρον>· ὅτι τινὲς ἰόντα τὸν μέλανα, ὡς “ιοειδέα πόντον” (Λ 298. λ 107). βέλτιον δὲ τὸν εἰς ἰοὺς εὐθετοῦντα· οἰκείον γὰρ τὸ ἔπαθλον τοξόταις; schol. *Il.* 23. 850c: <ἰόντα σίδηρον>· μέλανα, ὡς “ιοειδέα πόντον” (Λ 298. λ 107). οἱ δὲ εἰς βελῶν ἐργασίαν ἐπιτήδειον, ἐξ οὗ τὸν καθαρὸν· ἢ γὰρ εἰς λεπτὰ κατασκευὴ καθαροῦ δεῖται σιδήρου.

“violáceas” ou “roxas”. Ainda no que à caracterização do mar diz respeito, alguns comentadores antigos entendiam que a tonalidade escura que o epíteto lhe atribui deveria encontrar explicação na profundidade das suas águas¹². A um outro nível, as escuras tonalidades cromáticas implícitas, em ambos os casos, poderiam pressupor a intenção do poeta em construir um cenário de tristeza, sofrimento e morte. Com efeito, o mar descrito em (1) – pelo contexto o percebemos – é um mar tumultuoso e de tempestade, lugar de morte, como o é, igualmente, o mar descrito por Hesíodo (6). Não se verificando a mesma regra nos passos da *Odisseia* (3, 4), pretendemos afirmar que o uso do epíteto seja, em ambos os casos, já essencialmente formular, o que nos impossibilita de retirar semelhantes conclusões semânticas com segurança. O passo de Íbico (8)¹³, de contexto incerto, além de constituir a única ocorrência desse composto noutra metro que não o hexâmetro, vem de novo confirmar a associação à tonalidade escura, porquanto o epíteto vem, na reconstituição do editor, acompanhado do adjectivo μέλαν.

Ainda assim, parece aproximar ambos os casos – o do mar e o do ferro das armas de Aquiles – a referência comum a uma tonalidade escura¹⁴, o que pode presidir à explicação da *Suda*, que também aproxima as duas fórmulas homéricas (τὸν μέλανα· ὡς ἰοειδέα πόντον, τὸν μέλανα: “escuro, como o ‘mar violáceo’, também ele escuro”)¹⁵.

ἰόπλοκος

- (1) Alc. fr. 384 *PLF*: ἰόπλοκ’ ἄγνα μελλιχόμειδε Σάπφοι
- (2) Pi. *O.* 6. 30: παῖδα ἰόπλοκον Εὐάδναν
- (3) Pi. *I.* 7. 23: ἰοπλόκοισι Μοίσαις
- (4) B. *Ep.* 3. 71: ἰοπλόκων τε μέρο[ς ἔχον]τα Μουσάν
- (5) B. *Ep.* 9. 72: [χο]υσέα[ν προσ]θέντα ἰόπλοκον εὐ̂ εἰπεῖν [Κύπριν
- (6) B. *Dyth.* 17. 37: τέ οἱ δόσαν ἰόπλοκοι / κάλυμμα Νηρηίδες
- (7) *AP* 9. 524. 10: ἰόπλοκον (sc. Διόνισος)

¹² Schol. *Il.* 11. 298: [ιοειδέα] μέλανα διὰ τὸ βάθος.

¹³ P. Oxy. 2637 fr. 1 (a) 1-31. Ed. Page 1974.

¹⁴ Confirmada por Hesíquio, s.v. <ιοειδές> (μέλαν, ἢ ἀνθηρόν ἐν τῷ ὀράσθαι· πορφυροῦν) e <ιοειδέος> (μέλανος).

¹⁵ Cf. Suid. s.v. <Ιοειδές> τὸ μέλαν. Também o sofista Apolónio assim entende o epíteto (*Lex.* 91. 21): <ιοειδέος> μέλανος.

Designa sobretudo o cabelo de figuras femininas, significando “de tranças violáceas” ou, numa acepção mais concreta, “de cabelo entrançado de violetas”, se tomarmos o termo ἴον como referente à flor e não à cor. Esta interpretação, de resto, parece-nos mais correcta, porquanto nela está mais evidente o sentido original do verbo πλέκω (“entrelaçar”) que intervém na formação do epíteto. Daí que o composto, originalmente, devesse referir-se ao cabelo entrançado, sobretudo o feminino, não sendo de descartar a hipótese de, com o tempo, ter evoluído para um sentido cromático mais geral.

Caracteriza as Musas, tanto em Píndaro (3) como em Baquíledes (4)¹⁶, além de outras divindades, como Afrodite, se aceitarmos a reconstituição proposta para (5), e as Nereides (6), e parece ter sido, igualmente, da predileção da lírica coral. Embora grande parte das suas ocorrências o relacionem com deusas, como vimos, já Píndaro (2) dele se servira para caracterizar Evadne, uma mortal, e vai mesmo ser um dos muitos atributos de Díónisos, num epigrama adéspota da *Antologia Palatina* (7) onde, de resto, o deus recebe uma série de qualificativos que lhe conferem um carácter efeminado. O caso do epinício pindárico merece destaque porquanto o poeta terá habilmente aproveitado o epíteto, comumente aplicado a figuras divinas, tendo em conta as particularidades da lenda que vai narrar, relacionada com Evadne. Com efeito, da relação desta mortal com Apolo nasceu Íamo – em cuja etimologia está também o termo ἴον¹⁷ –, coincidência aproveitada pelo poeta para, adiante na mesma composição (vv. 52-57), narrar de forma expressiva os motivos que levaram a mãe a dar-lhe tal nome:

¹⁶ Jebb 1905: 406-407 reconstrói o lacunar verso 6 do último poema extenso conservado do Papiro de Londres de Baquíledes, um ditirambo sobre Idas e Marpessa para ser executado perante os Espartanos, da seguinte forma: Μάρπησσαν ἰότηριχ' οἴκους. A aceitar esta reconstrução, Baquíledes terá usado o epíteto ἰότηριξ (“de cabelo violáceo”), que não encontramos em nenhum outro texto conservado mas que faz sentido, segundo o autor, em confronto com termos como εὐθριξ (“de bela cabeleira”), λεπτόθριξ (“de cabelo suave”), λευκόθριξ (“de cabelo branco”), μελανόθριξ (“de cabelo negro”) ou χρυσόθριξ (“de dourada cabeleira”), entre outros.

¹⁷ Cf. schol. Pind. *O.* 6 (50a): ἐκ ταύτης δὲ καὶ Ἀπόλλωνος Ἰαμος, ἀφ' οὗ Ἰαμίδαι. <ιοπλόκαμον> ἢ Πιτάνη πρόγονός ἐστι τῶν Ἰαμιδῶν. Sobre esta composição pindárica e o mito em questão, vide Frade 2006: 47-55.

ἄλλ' ἐν
 κέκρουπτο γὰρ σχοίνῳ βατιᾷ τ' ἐν ἀπειρίτῳ,
 ἴων ξανθαίσι καὶ παμπορφύροις ἀ-
 κτίσι βεβρεγμένος ἄβρὸν
 σῶμα· τὸ καὶ κατεφάμι-
 ξεν καλεῖσθαί νιν χρόνῳ σύμπαντι μάτηρ
 τοῦτ' ὄνυμ' ἀθάνατον.

Mas estava escondido
 num canalial no denso matagal,
 com o corpo macio banhado pelos raios dourados e roxos
 das violetas. Por isso declarou sua mãe
 que para todo o sempre ele seria chamado
 por esse nome imortal.¹⁸

Daí que, como conclui Irwin 1996: n. 23, pelo menos em (2) haja que aceitar a tradução mais concreta “de cabelo entrançado de violetas”, pelo significado que essa flor desempenha ao longo do poema e pela própria referência do poeta à sua arte, na mesma composição, com recurso ao verbo πλέκω (86-87): πλέκων / ποικίλον ὕμνον (“tecendo/ um canto variegado”).

Heféstion (*Ench.* 14. 4) atribui a Alceu (séc. VII-VI a.C.) um trímetro epiónico acatalético (1) no qual o poeta, segundo a conjectura mais seguida para o fragmento, se referiria a Safo de Lesbos com o epíteto que estamos a estudar. Apesar de não ser ausente de polémica a atribuição deste fragmento¹⁹, ele é um testemunho inequívoco da caracterização quase divina de que, desde cedo, a poetisa de Lesbos foi alvo, e que culminaria, mais tarde, na sua indicação como a décima musa (cf. *AP* 9. 506). Safo recebe mesmo o qualificativo ἄγνος, que Bowra 1961: 239 recorda não ser aplicado a qualquer mortal antes do séc. V.

O caso de Safo – a aceitar que de facto o fragmento se lhe refere²⁰ –, leva-nos a supor que o epíteto tenha significado, desde cedo, apenas a cor

¹⁸ Tradução de Lourenço 2006: 116.

¹⁹ Campbell 1982: 405 é um dos autores que põe em causa esta atribuição. Pelo seu turno, Bowra 1961: 238-239 não vê razões que permitam atribuir a citação a qualquer outro poeta.

²⁰ Para a discussão desta problemática, vd. Rodríguez Somolinos 1998: 120-122, para quem não faz sentido a conjectura inaugurada por Maas e seguida por

escura do cabelo feminino, de um negro com reflexos de púrpura ou azul, quando nele batem os raios de sol, na mesma lógica que preside, no fundo, à designação da lã das ovelhas de Polifemo como *ιοδνεφής* (vd. supra, pp. 32-33; *Od.* 9. 426). Para esta discussão, no entanto, convém que avancemos para o epíteto seguinte.

ιοπλόκαμος

(1) Simon. fr. 555. 3 *PMG*: *ἑπτὰ ἰοπλοκάμων φιλῶν θυγατρῶν*

(2) Simon. 11. 16 W: *ὃς παρ' ἰοπλοκάμων δέξεται Περιδίῳν* (*suppl.* West)

(3) Pi. P. 1. 1-2: *ἰοπλοκάμων / σύνδικον Μοισᾶν κτέανο*

(4) Adesp. lyr. fr. 1001 *PMG*: *ἰοπλοκάμων Μοισᾶν*

Na formação de *ιοπλόκαμος* intervém igualmente o verbo *πλέκω* ('entrelaçar'), usado em diversos epítetos poéticos²¹, pelo que o termo tem globalmente o mesmo significado que o anterior. Pouco frequente na lírica grega, são contudo diversos os outros compostos que incluem o termo *πλοκος*²². Sendo de admitir também para este caso – e pelo menos numa fase inicial –, a alusão a violetas incrustadas num cabelo entrançado, o epíteto parece ter passado a significar o cabelo escuro, se dermos crédito a Hesíquio, que para ele dá o significado de *μελανόθριξ* ("de cabeleira escura").

Pertence a Simónides a mais antiga ocorrência conservada do epíteto (1), num fragmento transmitido por Ateneu (11. 490 e-f), onde é aplicado às Pléiades. Integraria o fragmento, segundo alguns críticos, um epinício²³. No entanto, ainda em 1992, a publicação do mais largo fragmento do texto que ficaria conhecido como "Elegia de Plateias" (P. Oxy. 2237 fr. 5 + 6 + 27 col. i + 3965 f. 1+2) daria a conhecer uma outra ocorrência do epíteto em Simónides, a aceitar a reconstituição de West 1998: 119 para a linha 16 do fragmento²⁴. Ora, como defende Ferreira 2005: 272, é no

Voigt, que lê no verso o nome da poetisa.

²¹ Ao mesmo grupo pertencem epítetos épicos e líricos como *εὐπλόκαμος* (*Od.* 5. 390; B. 3. 34), *καλλιπλόκαμος* (*Il.* 14. 326; Pi. *Ol.* 3. 1), *κυανοπλόκαμος* (B. 9. 53), *λιπαροπλόκαμος* (*Il.* 19. 126) ou *χρυσοπλόκαμος* (*h.Hom.* 3. 205). Apud Ferreira 2005: 272, n. 91.

²² Poltera 1995: 378 explica a escassa quantidade de ocorrências de *ιοπλόκαμος* pela correspondência métrica com o epíteto *ιοστέφανος*, ou mesmo com *εὐστέφανος*, claramente da eleição dos poetas líricos e elegíacos.

²³ Para a discussão desta hipótese, vide Ferreira 2005: 295 e notas 28-29.

²⁴ Parsons 1992: 30, o primeiro editor do papiro, reconstruía o epíteto como

mínimo tentador acreditar que o epíteto, não atestado em qualquer autor mais antigo que nos tenha chegado, possa de facto ter sido criado pelo lírico de Ceos. Como conclui Poltera 1995: 378, “mais do que um *epitheton ornans*, o composto de Simónides sublinha a beleza intrínseca”, daí que prefira traduzi-lo por “de cabelos de reflexos violáceos”, um sentido manifestamente mais afastado da letra que, ainda assim, é possível que o termo tenha adquirido. Com o mesmo sentido é utilizado por Píndaro (3) na abertura da *Pítica* 1, aplicado às Musas²⁵, padrão que se repete num fragmento lírico de autor desconhecido (4) que nos transmitiu Plutarco (*de garrul.* 504C 13).

O epíteto *κυανοπλόκαμος* (“de tranças azuladas”), atestado em Baquilides (9. 53), pode, de algum modo, ter um sentido muito próximo de *ίοπλοκος* e *ιοπλόκαμος*, pelo menos numa fase posterior, quando os últimos teriam já perdido a sua conotação original, que assumia – ela sim – a presença da flor em concreto.

ίοκολπος

(1) Sapph. 21. 13 *PLF*:]τὰν ίοκολπον

(2) Sapph. 30. 5 *PLF*: νύμφας ιοκόλω

(3) Sapph. 103. 6-7 *PLF*:]τα παῖδα Κρονίδα τὰν ίοκ[ολπ]ον [/ []ς ὄργαν
θεμένα τὰν ίοκ[ολ]πος α[

(4) [Sapph.] P. Koln. Inv. 21351 (= fr. 58 *PLF* + P. Oxy. 1787. fr. 1. 4-25, fr.
2. 1):Μοῖσαν ιοκ[ό]λων

No que a ocorrências conservadas na lírica diz respeito, apenas Safo atesta a utilização de *ίοκολπος*, em três fragmentos (1-3), número que, ainda em 2004, aumentou para quatro, quando M. Gronewald e R. W. Daniel (*ZPE* 147, 2004: 1-4) publicaram dois fragmentos papiráceos conservados em Colónia que identificaram como pertencentes à poetisa, linhas que depois M. L. West (*ZPE* 151: 2005: 1-9) conciliou com o fr. 58 *PLF* para reconstituir doze linhas de um poema²⁶. Daí que seja tentador

ἔρασιπ]λοκάμων (“de graciosas tranças”), no fundo pela mesma razão que viria a presidir à orção de West: o facto de ambos os epítetos surgirem em Píndaro – *ιοπλόκαμος* em *P.* 1. 1 (4) e *ἔρασιπλοκάμος* em *P.* 4. 136.

²⁵ Já o schol. Pind. *P.* 1 (2.1) considerava que o epíteto, neste caso, aludia a uma cabeleira entrançada com violetas: Ἴοπλοκάμων] Ἀνθηρόν ἔχουσῶν τὸν πλόκαμον, ὁποῖόν ἐστι τὸ ἴον.

²⁶ Afirma M. L. West (*Times Literary Supplement* 5334) que, com este

considerar o epíteto criação de Safo, não pecasse semelhante afirmação por leviandade, dado o estado profundamente fragmentário do nosso conhecimento da lírica grega arcaica. Se, em (1) e (3), é plausível que seja atributo da deusa Afrodite²⁷, e no novo texto (4) caracteriza as Musas – assim se repetindo a tradicional e formular associação da violeta a essas divindades –, em (2) surge a acompanhar a figura de uma comum mortal, uma noiva, como se o amor que a domina a revestisse, também a ela, de imortalidade.

O sentido do epíteto prende-se com o complexo significado do termo κόλπος, que designa, em Homero, ora o colo de uma mulher que segura uma criança (*Il.* 6. 400), ora um vestido (*Il.* 22. 80), por extensão do significado de “prega” ou “sinuosidade” (do mesmo vestido). É pois nosso entendimento que o composto em causa signifique “de regaço violeta” ou “de colo violeta”, sendo que consideramos excessiva a tradução por “de cintura violeta”.²⁸ Isto porque a noção de prega de vestido, que parece implícita no termo simples, não remete necessariamente para a cintura, antes para a zona imediatamente abaixo dos seios, onde, aí sim, prendiam os vestidos das mulheres gregas.²⁹

Não nos parece portanto rigoroso o entendimento que faz *LSJ* (“que leva uma grinalda de cor violeta à volta da cintura”), e só por extensão semântica ele pode ter o sentido “de vestido violeta”, assim se aproximando de ἰόζωνος, sobre o qual adiante diremos algumas palavras.

De levar em conta é ainda a opinião de Rodríguez Somolinos 1998: 162, que entende que o epíteto pode ter um sentido odorífero, comparando-o,

achado, ficamos na posse do “quarto poema sáfico com extensão suficiente para ser apreciado enquanto estrutura literária”. Nós próprios traduzimos e comentámos o texto (Jesus 2005: 15-19), reimpresso, com alterações, in Jesus 2008: 115-117. Pouco tempo depois, também Nascimento 2006 publicava a sua tradução do fragmento.

²⁷ Dessa opinião é Campbell 1982: 405.

²⁸ Na primeira tradução que publicámos do novo fragmento atribuído a Safo (Jesus 2005: 15-19) traduzíamos ἰόκολπος por «de violeta cingidas», aludindo precisamente às pregas do vestido, na zona do colo ou regaço. Quando voltámos a publicar o texto (Jesus 2008: 115-117), por uma questão de expressividade, optámos por «de regaço violeta». Nascimento 2006: 17 preferiu o equivalente «de colo violeta».

²⁹ Também βαθύκόλπος, aplicado por Homero às mulheres troianas (*Il.* 18. 122), não alude necessariamente à cintura, antes ao regaço feminino.

para tal, a ῥοδόκολπος (“de regaço de rosas”), que apenas encontramos no fr. lyr. adesp. 108b.5 *PMG*, tido pela autora que estamos a comentar como possivelmente inspirado em ἰόκολπος, leitura que nos parece infundada, desde logo se levarmos em conta a importância poética em si da rosa na cultura e na poesia grega.

Em conclusão, o epíteto pode ter ambos os sentidos cromático – se alude à tonalidade da pele – e concreto – se referente à presença da flor no vestido. Afastada neste caso em particular, pelos contextos das ocorrências que conservamos, parece estar a noção de cor escura, sendo mais plausível a sugestão do púrpura ou do rosa.

ιοβλέφαρος / ιογλέφαρος (dor.) / ιανογλέφαρος / ιανόφρους

1. Alc. fr. 1. 68-69 *PMG*: νεανίδων / ιανογ[λ]εφάρων ἄγαλμα
2. Pi. fr. 307 Maehler: Ἄφροδίτα ιογλέφαρος
3. B. *Ep.* 9. 3: Μουσᾶν γε ιοβλεφάρων
4. B. *Dith.* 19. 5: ιοβλέφαροί τε κ<όρ>αι / φερεστέφανοι Χάριτες
5. Fr. adesp. 906. 13 *Suppl. Hell.* = P. Mich. III. 139.2.13: Ἰπποθόην ιανόφρουν·

O epíteto ιοβλέφαρος, com a sua variante dórica ιογλέφαρος, não regista qualquer ocorrência nos Poemas Homéricos nem em qualquer texto épico, posto que a sua composição métrica não é compatível com o hexâmetro. O termo βλέφαρον designa as pálpebras dos olhos, pelo que o epíteto, na sua origem, pode querer significar “de pálpebras violáceas / da cor da violeta”.

A sua única ocorrência em Píndaro, e mesmo assim fragmentária (2), é transmitida por Pseudo-Luciano (*Imag.* 8. 9: συνεπιλήψεται δὲ τοῦ ἔργου αὐτῷ καὶ ὁ Θηβαῖος ποιητῆς, ὡς ιοβλέφαρον ἐξεργάσασθαι)³⁰, autor que, no entanto, nada aduz sobre o sentido dado pelo poeta tebano ao epíteto. O que parece certo é que ele terá sido da predilecção da lírica coral, a avaliar pelas restantes duas ocorrências que conservamos, ambas de Baquilides de Ceos (séc. VI-V a.C.). Na primeira (3), o epíteto vem associado à figura das Musas, ao passo que, na segunda (4), surge associado às Graças, divindades que, nesse texto, têm também grinaldas sobre a cabeça (φερεστέφανοι)³¹.

³⁰ Cf. Ps.-Lucian. *Imag.* 26. 12: ἕτερος δὲ τις ιοβλέφαρον τὴν Ἄφροδίτην ἔφη.

³¹ Não pode deixar de parecer um hábil artifício o recurso ao epíteto num

Comentamos separadamente o exemplo de Álcman (séc. VII a.C.), que atesta, no fragmento conhecido como *Grande Partenéion* (1) a única ocorrência conhecida da variante *ἰανογλέφαρος*, aplicado à beleza de donzelas espartanas. A associação do epíteto à violeta – não considerada, regra geral, pelos tradutores e comentadores do poeta – apenas é sustentável se dermos crédito ao testemunho de Hesíquio (Alc. fr. 177 *PMG*) que transmite dois outros epítetos derivados do mesmo termo: *ἰανοκρήδεμνος* e *ἰανόκροκα*. O primeiro deles, explica-o o lexicógrafo nos seguintes termos: *ἴοις ὅμοιον τὸ ἐπικράνισμα* (“de grinalda semelhante a violetas”). Já a *Suda*, dele entende o seguinte: *ὁ στέμμα ἐξ ἴων φορῶν* (“grinalda feita de violetas”)³². Ora, a aceitar a relação, *ἰανογλέφαρος* deve também significar “de pálpebras violáceas”, sendo que constitui um exemplo muito recuado em que a cor da violeta surge associada a figuras femininas mortais. Não obstante, já o *Supplementum* de *LSJ* (1966: 155) dava para o termo a tradução “dark-eyed”, seguida por Campbell 1988: 367, que assim o entende como sinónimo desse outro epíteto, *κυανοβλέφαρος*³³ (à letra, “de pálpebras azuis escuras”).

Consideramos ainda pertinente comentar o epíteto *ἰανόφρους*, com uma única ocorrência conservada (5), onde surge como atributo de Hipóteo, supostamente a filha de Pélops que Poséidon raptou e levou para as ilhas Equínades, onde havia de gerar Táφιο, o pai de Ptérelas, rei dos Teléboos. Sobre este composto, o *LSJ* entende-o como sinónimo provável de *κυάνοφρους*³⁴, que traduz por “dark-browed” (“de sobrancelhas escuras”),

ditirambo que narra o destino errante de Io, a mulher amada por Zeus e transformada pelo mesmo em vaca, para escapar à fúria de Hera, na medida em que o nome dessa figura mitológica andaria associado ao da própria flor.

³² Os três epítetos podem derivar, segundo *LSJ*, de uma forma dialectal do termo *ἑάνος*, para o qual o schol. *Il.* 18. 613 dá os significados de *μαλακός*, *λεπτός*, *λαμπρός*. J. Taillardat 1953: 131-134 refere dois termos homéricos que podem estar em causa na formação do epíteto: o substantivo feminino *ἑάνος* (‘vestido’, ‘peplo’) e o adjectivo *ἑάνος*, que qualifica mesmo o primeiro (*πέπλον ἑάνον*: *Il.* 5. 734, 8. 385). Ainda assim, como pretende o autor, só por analogia com *ἴων* é que o tema *ἰαν-* pode aludir à violeta.

³³ O epíteto surge, em poesia, apenas atestado em *AP* 5.61 (*Τῆ κυανοβλεφάρῳ παίζων κόνδακα Φιλίππῃ*). Teognosto (*De Orthographia* 522.3), gramático do século III da nossa era, apresenta-o como sinónimo de *καλλιβλέφαρος* e *εὐβλέφαρος* (ambos com o sentido “de belas pálpebras”).

³⁴ E.g. Theoc. 3.18, 17.53, aplicado, respectivamente, à ninfa Amarílis e a Dípsile, esposa de Adrasto, lendário rei de Argos.

constituindo assim mais um caso em que a violeta surge, em rigor, associada ao negro dos cabelos (vd. *ιόπλοκος* e *ιοπλόκαμος*).

Pese embora a ocorrência de *Álcman* que ainda agora comentámos, não podemos deixar de parte a carga de divindade³⁵ a que, com este e outros epítetos, a cor da violeta é associada – no caso, algures da paleta cromática dos rosas e dos púrpuras.

ιόζωνος

(1) Call. *Aet.* 110. 54: ἴ.ππ. ο[ς] ιοζώνου Λοκρίδος Ἀρσινόης

Deste epíteto, que pode traduzir-se como “de cintura violácea”, não conservamos ocorrências na poesia arcaica ou clássica, sendo que, no actual estado dos conhecimentos, ocorre pela primeira vez em *Calímaco* (1), referente a *Arsínoe*, também uma mortal. O significado que lhe atribui *Hesíquio* (s.v. *ιόζωνος*: πορφυροζωνος), relaciona-o com a cor púrpura. No entanto, não seria errado pensar que, originalmente, ele pudesse aludir a uma cintura decorada com violetas, hipótese que não podemos contudo confirmar.

ιόγληνος

Para este epíteto, cuja tradução mais literal é “de olhar violáceo”,³⁶ dispomos apenas do testemunho de *Hesíquio* (s.v. *ιόγληνα*), que o define como atributo de alguém “que tem olhos escuros” (*μελαίνας γλήνας ἔχουσα*), mais um dado precioso para compreendermos como a cor da violeta, em termos poéticos, terá passado, de facto, a significar uma tonalidade muito escura, próxima mesmo do negro.

ιοστέφανος

(1) *H. Hom.* 6. 18: εἶδος θαυμάζοντες ιοστέφανου *Κυθερείης*

(2) Simon. fr. 553. 1-2 *PMG*: <*Εὐριδίχας*> ιοστέφανου

(3) Simon. fr. 22. 6 West: φόρτον ἄγων *Μουσέω*]ν κόσ[μ]ον ιοσ[τ]εφάνων

(4) Pi. fr. 76 Maehler: ὦ ταῖ λιπαραὶ καὶ ιοστέφανοι καὶ αἰοίδιμοι, /

³⁵ O astrólogo *Maneto*, ao que tudo indica do séc. IV d.C., recuperaria o epíteto, associando-o, à maneira de *Píndaro* – no texto que referimos e que, por certo, conheceria – à deusa *Afrodite*: *ιοβλέφαρος Κυθήρεια* (*Man.* 5. 145).

³⁶ O termo *γλήνη* tem, já nos *Poemas Homéricos* (*Il.* 14. 494; *Od.* 9. 390) o sentido concreto de “pupila” ou “globo ocular”. Também *Sófocles* (*OT* 1277) a usa para designar as pupilas de *Édipo*, feridas pelas fíbulas do vestido de *Jocasta*.

- Ἑλλάδος ἔρεισμα, κλειναὶ Ἀθήναι, δαιμόνιον πτολίεθρον
 (5) B. Ep. 3. 2: Δ[ά]ματρα ιοστέφανόν τε Κούραν
 (6) B. Ep. 5. 3-4: γνώση μὲν ἰιοστέφάνων / Μοισᾶν γλυκ[ύ]δωρον ἄγαλμα
 (7) B. Ep. 13. 122-123: ιοστέφانو[ν] / Νηρηῆδος ἀτρόμητο[ς υἱός]
 (8) Sol. fr. 19. 4: Κύπρις ιοστέφανος
 (9) AP 8. 127. 2: Χαρίων πλέγμα ιοστέφάνων
 (10) AP 9. 668. 4: πουλὸν ιοστέφάνων κόσμον ἀνεῖς καλύκων
 (11) AP 12. 91. 6: Παφίης ἔρνος ιοστέφάνου
 (12) AP 13. 28. 12: ιοστέφάνων τε Μοισᾶν
 (13) AP 15. 21. 7: ὃς Μοῖσα λιγὺ πάξεν ιοστέφάνω
 (14) Thgn. 1. 250: Μουσᾶων δῶρα ιοστέφάνων
 (15) Thgn. 2. 1304: Κυπρογενοῦς δῶρον ιοστέφάνου
 (16) Thgn. 2. 1332: Κυπρογενοῦς δῶρον ιοστέφάνου
 (17) Theoc. Syrix 7: ὃς μοῖσα λιγὺ πάξεν ιοστέφάνω
 (18) Theoc. Ep. 15. 21. 7: ὃς Μοῖσα λιγὺ πάξεν ιοστέφάνω

Este é talvez o epíteto, dos que aqui comentamos, que maior relevo conseguiu na cultura grega, tendo mesmo adquirido um profundo significado político. Intervém na sua formação o substantivo στέφανος (cf. στέφω), que designa essencialmente as coroas ou grinaldas, tão importantes num sem número de festividades religiosas gregas, mas também noutros contextos sociais, públicos ou privados, como os banquetes, os mesmos que seriam um espaço privilegiado para a execução poética³⁷. Ganha assim o significado de “coroados de violetas” ou, mais literalmente, “de grinaldas de violetas”, o que parece denunciar que, originalmente, está em causa a própria flor, mais do que a cor que lhe é associada. Teve grande fama na poesia coral, sendo que pertencem a Simónides duas ocorrências, nas quais qualifica, respectivamente, Eurídice, mãe de Arquemoro (ou Ofeltes), morto por uma serpente quando Hipsípyle, a serva que o guardava, o abandonou para indicar uma

³⁷ Um exemplo apenas. No seu *Banquete* (212d-e), Platão refere como Alcibíades, embriagado, foi coroados pelos restantes simposiastas com uma grinalda em que se incluíam, entre outras flores, as violetas.

fonte aos sete gerais que seguiam para atacar Tebas³⁸ (2), e as Musas (3)³⁹. Atentemos, pois, no primeiro texto:

<Εὐριδίκας>
 ἰοστεφάνου γλυκεῖαν ἐδάκρυσαν
 ψυχὰν ἀποπνέοντα γαλαθηνὸν τέκος.

por ele choraram, quando o doce
 alento exalou, o filho terno [de Eurídice] coroada de violetas.⁴⁰

É curioso notar como, no texto que estamos a comentar, é já uma mortal que é dita “coroada de violetas”⁴¹, o que nos força a questionar, tendo em conta a situação dramática de abandono e despojo que é descrita, qual o real sentido com que Simónides usa o epíteto. De outra forma, quererá ele significar, de facto, uma cabeleira adornada com uma grinalda de violetas ou, ao invés, referir-se simplesmente, por um processo metonímico, à cor do cabelo dessa mulher? A admitir esta última hipótese⁴², pode a cor em causa ser esse mesmo púrpura muito escuro, quase negro – a mesma tonalidade que Alceu reconhecera ao cabelo de Safo (fr. 384 *PLF*) –, que aqui ganha uma conotação de tristeza e morte, no limite, para mais se atentarmos, como Ferreira 2005: 307, no emprego de γλυκεῖαν como qua-

³⁸ Εὐριδίκας é um suplemento introduzido por Bergk, aceite pela generalidade dos editores e críticos. No entanto, Poltera 1997: 348-349 considera mais plausível que o nome em causa fosse Hipsípyle, para tal se baseando em Pi. *Ol.* 4. 23, onde o sentido do epíteto surge desdobrado: Ὑψιπυλεία μετὰ στέφανον ἴων (“Hipsípyle com grinalda de violetas”). Ainda que verosímil, não nos parece forçoso estabelecer esta relação directa entre ambos os poetas. O mito da morte de Ofeltes / Arquemoro seria recuperado por Baquílides (*Ep.* 9. 10-15).

³⁹ A ocorrência em (3), um fragmento apenas publicado em 1992 por P. J. Parsons, apesar das graves lacunas textuais presentes no papiro, parece evidente. Menos segura – mas ainda assim coerente, se levarmos em causa (2) e todos os passos em que o epíteto é aplicado a essas divindades – é a reconstituição do verso (West 1998: 124) de modo a relacionar o epíteto com as Musas.

⁴⁰ Tradução de Ferreira 2005: 306.

⁴¹ Este é, de resto, o texto mais antigo que conservamos em que tal se verifica.

⁴² É essa a opinião de Poltera 1997: 347-348, que traduz o epíteto por “à la couronne de la couleur des violettes”, aproximando-o, no seu caso, de ἰοπλόκαμος, que o mesmo Simónides, como vimos, usa no fr. 555. 3 *PMG* (ἐπτὰ ἰοπλόκῶμων φιλᾶν θυγατρῶν) que acima analisámos.

lificativo de ψυχᾶν e na “ênfase nos sons nasais, que contribuem para o tom suave e (...) lamentoso, perfeitamente adequado ao tema”.

De Sólon, apenas conservamos uma ocorrência, de sabor fortemente tradicional, referente à deusa Afrodite (8). Já Baquílides, sobrinho de Simónides, recorre ao epíteto, na produção conservada, em três momentos, aplicando-o como qualificativo de Perséfone, a filha raptada de Deméter (5), das Musas⁴³ (6) e de Tétis, a ninfa mãe de Aquiles (7). Todas as figuras em causa são, como se percebe, divindades, pelo que é forçoso depreender o uso tradicional que o poeta faz do epíteto. Um uso que, ainda assim, muito contribui para o estilo impressionista e pictórico que a crítica, unanimemente, lhe reconhece.

O epíteto granjeou, de facto, uma grande fama poética. Na *Antologia Palatina*, surge a caracterizar as Graças (9), as Musas (12, 13) e Afrodite (11), além do *bouquet* de Eros (10). Também Teógnis vai recuperar formularmente o epíteto, aplicando-o ora às Musas (14), ora a Afrodite, em dois passos exactamente iguais (15, 16). A associação de ἰοστέφανος a Cípris, de resto, estava já presente no hino homérico dedicado à deusa (1) – a ocorrência mais antiga que conservamos – pelo que, também ela, deve ser entendida como tradicional. Já no Período Helenístico, Teócrito usa-o uma vez mais como qualificativo das Musas (17, 18), herança da tradição poética que o precede.

Mas foi com Píndaro (4), ao que tudo indica, que teve início o maior prestígio que o epíteto conseguiu, associado à figura colectiva dos Atenienses. Algures depois de 480 a.C., em celebração da vitória sobre os Persas, o poeta tebano terá composto um ditirambo de tom encomiasta aos Atenienses – que lhe terá mesmo garantido valiosas honras de estado⁴⁴ – do qual conservamos alguns fragmentos (fr. 76-86a Maehler). O primeiro destes, transmitido

⁴³ Não parece merecer crédito a conjectura de Edmonds III 1967: 30 para o verso 13 (col. II) do muito fragmentado fr. 654 *PMG* de Corina (= P. Berol. 284) – μωσ[άων Ἰοστειφάν]ων –, que atribuiria também a essa poetisa o uso do epíteto como qualificativo das Musas.

⁴⁴ Isócrates (15. 166) testemunha que o poeta teria recebido 10.000 dracmas de pagamento e sido feito *proxenos* ateniense. Segundo Ésquines (*Epist.* 4. 3) e a *Vit. Pind.*, transmitida por Eustácio, o valor teria sido de apenas 1000 dracmas. É o mesmo Ésquines quem alude a uma estátua em bronze erigida em honra do poeta, representando-o com uma lira e um rolo de papiro, defronte da *Stoa Basileios*, monumento que pode ser o mesmo a que alude Pausânias (1. 8. 4).

pelos escólios a Aristófanes (*Ach.* 637⁴⁵; *Nu.* 299) e pelo schol. Aristid. 3. 341 Dind., merece um olhar atento, como ponto de partida:

Ὡ ταὶ λιπαραὶ καὶ ἰοστεφάνοι καὶ αἰοίδιμοι,
Ἑλλάδος ἔρεισμα, κλειναὶ Ἀθάναι, δαιμόνιον πτολίεθρον.

Ó opulenta, coroada de violetas e muito celebrado
baluarte da Hélade, gloriosa Atenas, divina cidadela.

A fortuna destes dois versos do ditirambo pindárico foi, de facto, notável: Pseudo-Ésquines (*Ep.* 4. 2 sqq.) cita-o, recordando a autoria de Píndaro; Plutarco recupera-o por diversas vezes (*de glor. Ath.* 7, *Apopth. Lac.* 232E, *Thes.* 1); e também Luciano (*Dem. Encom.* 10), Aristides (*Panath.* 1. 96), Ateneu (5. 187D), Filóstrato (*Imag.* 2. 12. 2) e Libânio (*Apol. Socr.* 1. 657D, *Adv. Aeschin.* 2. 688D), entre outros exemplos.

Convém destacar o caso de Aristófanes que, já no séc. V a.C., dele se serve em três momentos distintos da sua carreira, mais para satirizar os espectadores – maleáveis pela técnica dos oradores que os corrompem – do que para os elogiar. Logo em *Acarnenses*, a mais antiga das suas comédias que conservamos na íntegra (425 a.C.), ele vai surgir na parábase (vv. 635-638):

Πρότερον δ' ὑμᾶς ἀπὸ τῶν πόλεων οἱ πρέσβεις ἔξαπατώντες
πρῶτον μὲν ἰοστεφάνους ἐκάλουν· κάπειδὴ τοῦτό τις εἶποι,
εὐθύς διὰ τοὺς στεφάνους ἐπ' ἄκρων τῶν πυγιδίων ἐκάθησθε.

Dantes, os embaixadores das cidades, quando vos queriam enganar, começavam por vos chamar povo coroadado de violetas. Mal tais palavras eram ditas, vocês ficavam logo de rabo alçado lá com a história das coroas.⁴⁶

Se o passo que ainda agora transcrevemos apenas prova o conhecimento e a frequência de uso, em discursos políticos, da fórmula “Atenienses coroados de violetas” – conclusão reiterada pela coloquialidade discursiva que, numa parábase, se exige ao poeta cómico, para que todos o com-

⁴⁵ <ἰοστεφάνους:> παρὰ τὰ ἐκ τῶν Πινδάρου διθυράμβων “αἱ λιπαραὶ καὶ ἰοστεφάνοι Ἀθῆναι”.

⁴⁶ Para as traduções de Aristófanes, seguimos M. F. Sousa e Silva (*Aristófanes. Comédias I*. Lisboa, INCM, 2007).

preendam e identifiquem, de imediato, o referente das suas palavras –, o caso de *Cavaleiros*, a comédia do ano seguinte (424 a.C.), permite-nos já retirar outro tipo de conclusões. Nessa que é das comédias mais políticas – *stricto sensu* – do seu autor, escutamos o Salsicheiro, perto do final, dizer que o Povo, figura alegórica neste momento da peça já reabilitada, vive ἐν ταῖσιν ἰοστεφάνοις ταῖς ἀρχαίαισιν Ἀθήναις (1323: “na velha Atenas coroada de violetas”). E, pouco depois, a referência ao texto pindárico é mais que evidente (1329-1330):

Ὡ ταῖ λιπαραὶ καὶ ἰοστεφάνοι καὶ ἀριζήλωτοι Ἀθήναι,
δείξατε τὸν τῆς Ἑλλάδος ἡμῖν καὶ τῆς γῆς τῆσδε μόναρχον.

Ó Atenas de brilho sem igual, coroada de violetas, cidade tão invejada, mostra-nos o soberano da Hélade e desta terra também.

Proferidos pelo coro, estes dois versos ganham, ainda que no contexto de uma comédia, um significativo tom de nobreza e solenidade, além de provarem a popularidade do poema pindárico que, ao que parece, é propositadamente parodiado.

Posto isto, cumpre perguntar: qual o sentido da designação de ἰοστεφάνος, aplicada a Atenas? Foi há já mais de cem anos que Cook 1900 estudou a fundo as ocorrências do epíteto ἰοστεφάνος na literatura grega e procurou retirar ilações sobre os seus sentidos possíveis. Assim, no que à formulação pindárica diz respeito, considera duas possibilidades: a) que ela aluda à posição geográfica da Ática, rodeada de montanhas banhadas por um mar púrpura quando o sol nasce e se põe, ou b), que se refira às coroas de flores tão frequentes em festividades religiosas, símbolo de glória, poder e imortalidade. A abonar a primeira explicação, apresenta o testemunho de Pausânias (2. 425), que alude precisamente à particular localização geográfica da polis dos Atenienses, o que nos leva a recordar a fórmula ἰοειδέα πόντον, que encontrávamos já, como acima se disse, em Homero. Considera o autor, nesta linha, que o epíteto pode referir-se, em simultâneo, à cor do mar do Pireu⁴⁷ e à flora do próprio monte Himeto, no

⁴⁷ Faz talvez sentido recordar, neste ponto, que uma das Ocêanides referidas por Hesíodo (*Th.* 349) recebe o nome de Ἰάνθη, que pode estar etimologicamente relacionado com a violeta. Bem assim, nos *Anacreontea* (57. 20-22), o poeta descreve Afrodite a emergir do mar, como uma açucena entre violetas: Κύπρις / κρίνον ὡς ἰοῖς ἐλιχθέν / διαφαίνεται γαλήνας.

qual, diz Ovídio (*Ars* 3. 687), *floriam violetas (purpureos collis florentis Hymetti)*⁴⁸.

A corroborar a segunda hipótese – que toma o epíteto num sentido mais concreto, como tendo subjacente uma alusão à flor em si – está outro passo do próprio Píndaro (fr. 75. 6 Maehler: *ιοδέτων λάχετε στεφάνων*)⁴⁹, também ele parte de um ditirambo dedicado aos Atenenses, composto para ser executado nas Grandes Dionísias. Nele, o coro pede aos deuses que atentem na sua dança e nas grinaldas de violetas com que honram os seus altares. Ora, a coincidência entre os dois poemas pode autorizar a seguinte leitura, que já Cook 1900: 5-6 avançava: que Atenas é *ιοστέφανος* também por nos seus altares, símbolo de unidade e poder, se patentearmos grinaldas entrelaçadas com essa flor⁵⁰.

Embora não seja possível, no actual estado dos conhecimentos, confirmar o que a seguir diremos, não é impossível que, já no tempo de Píndaro, a associação dos Atenenses às grinaldas de violetas – originária de qualquer das explicações que acima apresentámos – fosse comum, pertencente a uma fraseologia popular ou mesmo oficial. De resto, a referência aristofânica aos embaixadores das cidades que utilizariam esse expediente retórico, no passo que acima transcrevemos (*Ach.* 635-638), parece indicar isso mesmo.

Algumas conclusões

Teofrasto (c. 372-287 a.C.) atribui, na sua *História das Plantas*, um grande destaque à violeta, tratando de identificar as suas muitas valências. Assim, além do carácter odorífero da flor (6. 6. 2; 6. 6. 5), realça a sua

⁴⁸ Poltera 1995: 347-348 indica que, no epíteto em estudo, o elemento *ιο-* pode ser entendido metonimicamente, significando a cor escura e sombria do mar, até pela associação mais antiga do epíteto a Afrodite, divindade de origem marítima. Daí que, em termos cromáticos, possa de facto ter passado a designar o cabelo negro com reflexos violáceos ou azulados, como fomos aduzindo.

⁴⁹ Cit. D.H. *de comp. verb.* 22: *ἀρχέτω δὲ Πίνδαρος, καὶ τούτου διθύραμβός τις οὐ ἔστιν ἀρχή*.

⁵⁰ Que a violeta era uma das flores mais comuns nas grinaldas festivas provam-no, entre outros, Plat. *Symp.* 212e, Theocr. 10.28, Athen. 15. 680e (a violeta como a principal *στεφανωτικὰ ἄνθη*), Plut. *de aud.* 8, Plin. *HN* 21. 27. De um fragmento da comédia *As Estações* de Aristófanes (fr. 581 K-A), depreende-se que a colheita de violetas para grinaldas, em Atenas, era possível mesmo no auge do Inverno. Além disso, Ateneu (9. 77. 24) e um fragmento de Filóxeno (fr. 2. 42) referem-se a *στεφάνους ιοθαλέας* (“grinaldas de rebentos de violeta”).

longevidade – cerca de três anos (6. 8. 5) –, o que pode explicar, de algum modo, a sua associação às noções de divindade e imortalidade. Distingue em seguida as diversas espécies de violeta, conferindo especial destaque à ἴον λευκόιον (“violeta branca”), uma flor selvagem, que floresce exclusivamente no Inverno, e da qual Teofrasto afirma que são feitas as grinaldas (6. 81). Ao invés, da ἴον μέλαν (“violeta escura”, ou “negra” – que imaginamos referir-se a uma flor de um púrpura ou roxo muito escuro), diz que apresenta uma estrutura dupla (1. 13. 2), que floresce cedo (6. 8. 1) mas que, em cultura, pode florir durante todo o ano (6. 8. 2). É curiosa a referência à cultura de violetas, o que pode sugerir, sem grande margem para erro, que delas era já feito um uso comercial, muito provavelmente ligado, entre outras coisas, à produção de grinaldas para as festividades religiosas.

A moderna ciência da botânica identificou, até à data, cerca de duas centenas de espécies de violetas, que podem apresentar praticamente todas as cores imagináveis numa flor. No entanto, no que à cultura grega diz respeito, parece claro que, regra geral, a espécie mais comum e referida seria a ἴον μέλαν, ao que parece identificável com a actualmente designada de *viola odorata*, na sua vertente púrpura ou roxa, de tom escuro, famosa também pelo seu perfume intenso⁵¹. Por isso, em termos cromáticos, há que aceitar que a maior parte dos epítetos se refiram a essa flor, portanto, a um tom púrpura muito escuro, próximo do negro. É esse, julgamos, o sentido de ἰοδνεφῆς εἶρος (*Od.* 4. 135, 9. 426), de ἰοειδέα πόντον (*Il.* 11. 298 etc.) e de ἰοέντα σίδηρον (*Il.* 23. 850), além da maioria dos epítetos relacionados com o cabelo feminino, estamos em crer (ἰόπλοκος, ἰοπλόκαμος)⁵². No que aos últimos diz respeito, como vimos, a referência

⁵¹ Isso entende Irwin 1996, que não descarta a hipótese de os Gregos conhecerem e se referirem a outras espécies de violetas; com efeito, a *viola odorata* pode ser púrpura ou branca (*viola odorata alba*). Como recorda a autora (n. 34), Nicandro também se refere à “violeta negra” e à “violeta pálida”, respectivamente, nos fr. 74. 60. 1 e 74. 2. 3.

⁵² Elucidativo desse sentido cromático parece ser o facto de praticamente todos os epítetos que aqui estudámos encontrarem um paralelo formado a partir do termo κύανος, que remete para um tom de azul muito escuro (eg. *Il.* 11. 24, 35, onde se refere, na armadura de Agamémnon, o μέλανος κυάνιο). São disso exemplo κυανοβλέφαρος (*AP* 5.61), κυανόπλοκος (*Pi. Pae.* 6.83) e κυανοπλόκαμος (*B.* 5.33, 9.53, 11.83), entre outros. Relembremos ainda o caso de κυάνοφρυς (*Theoc.* 3.18, 4.59, 17.53), que *LSJ* apresenta como sinónimo de

pode ser ao cabelo negro, mas não é de descartar a hipótese que, pelo menos originalmente, estivessem de facto em causa tranças enfeitadas com violetas, regra que vale, de igual modo, para ἰοστέφανος.

A grande percentagem de passos identificados, nos quais os epítetos formados a partir de ἰov caracterizam figuras divinas, sobretudo femininas – deusas, musas ou ninfas – autoriza-nos a reconhecer na violeta, usada neste contexto poético, uma carga semântica de imortalidade, glória e divinização. Mas também de beleza e sedução – dotes mais do que quaisquer outros divinos –, leitura possível pela quantidade de ocorrências em que os epítetos que estudámos surgem associados à figura da deusa Afrodite. De utilização frequente em contextos religiosos, em festivais e outras cerimónias a cada passo de carácter pan-helénico, assim se explica, talvez, a escolha das grinaldas de violetas para símbolo cultural e político da cidade de Atenas.

Por outro lado, a predominância de tons escuros na paleta de cores possível para o referente “cor de violeta” cedo terá relacionado alguns epítetos tratados com a ideia de tristeza, sofrimento e, no limite, morte. Esse o sentido, verosímil pelo contexto poético em que surge, de ἰοειδέα πόντον (*Il.* 11. 298 etc.) ou Ἰόεντα σίδηρον (*Il.* 23. 850), pese embora a carga formular do seu uso não autorizar, sem mais justificação, esta interpretação tentadora; mas também, estamos em crer, da descrição de Eurídice (ou Hipsípyle), no momento em que Ofeltes exala o seu último suspiro (Simon. fr. 553 *PMG*). Neste caso, se a grinalda de violetas, tradicionalmente, seria mais propícia a identificar a divindade da figura descrita, parece o poeta querer exprimir a condição de mortal, a profunda infelicidade e o cenário de isolamento e morte que se vive, parecendo ganhar significado a descrição do cabelo negro ou, simplesmente, de uma tonalidade muito escura, como se nele se reflectisse o negro de um céu tempestivo. E não julgamos que seja de aceitar, sem mais, a afirmação exclusiva de Teofrasto (6. 81), para quem, como se disse, apenas de violetas brancas se faziam grinaldas. Parecem negá-lo, senão outras, as ocorrências estudadas do epíteto ἰοστέφανος, onde, claramente, a alusão é ou a uma

ἰανόφρους (vd. supra. n. 33).

Não esquecer que uma das características da violeta, como a definem actualmente os botânicos, é ser considerada uma flor ciáfila, que apenas à sombra atinge o expoente máximo de florescimento. Bem assim, quando longe dos raios directos do sol, adquire frequentemente uma tonalidade mais escura e um perfume mais intenso.

tonalidade escura ou à presença da própria flor, entrelaçada. De outro modo, poderemos apenas admitir que assim fosse ao tempo da escrita do seu tratado (séc. IV a.C.), mas não seria essa a regra em tempos anteriores. Com efeito, pelo menos ainda no séc. V a.C., a violeta usada para o fabrico de grinaldas seria a *violeta odorata* – na sua dupla valência odorífera e cromática –, mas na variante púrpura ou roxa, provavelmente mesmo de criação selvagem; e a questão do cultivo da flor – testemunhado por Teofrasto – pode, neste aspecto, ser decisiva.

Vida – uma vida que não tem fim –, o vencer do esquecimento pela glória e pela divindade; mas também morte, dor e sofrimento – esses os dois grandes campos semânticos em que se situam os epítetos em cuja formação intervém o termo grego que designa a violeta. A uni-los parece estar um mesmo sentido de solenidade, dado ora pela flor em si, concretamente tomada, ora pelo aproveitamento poético da sua cor. Sobretudo no que às grinaldas de violetas diz respeito, elas tiveram, como vimos, uma fama impressionante. Venceram os séculos e chegaram mesmo ao nosso tempo. Senão, atentemos em duas estrofes da letra de Vicente da Câmara para o fado “Menina das tranças pretas”, que descreve, no fundo, uma vendedora de violetas lisboeta. Negros são os seus cabelos, do negro a que tanto se aproximam as escuras violetas que lhe adornam as tranças, ou essas outras que leva no cesto. Lá estão elas, misto de beleza, encanto e fascínio, mas também reveladoras, quem sabe, da tristeza que vai na alma dessa mulher, pobre vendeira das ruas frias da capital:

Como era linda com seu ar namoradoiro
Até lhe chamavam menina das tranças pretas,
Pelo Chiado passeava o dia inteiro,
Apregoando raminhos de violetas.
(...)

Passaram dias e as meninas do Chiado
Usavam tranças enfeitadas com violetas,
Todas gostavam do seu novo penteado,
E assim nasceu a moda das tranças pretas.
(...)

Bibliografia

Edições, comentários e traduções

- CAMPBELL, D. A. (²1982), *Greek Lyric Poetry I: Sappho and Alcaeus*. Cambridge: University Press.
- CAMPBELL, D. A. (1988), *Greek Lyric Poetry II: Anacreon, Anacreontea, Choral Lyric from Olympus to Alcman*. Cambridge: University Press.
- CAMPBELL, D. A. (1991), *Greek Lyric Poetry III: Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others*. Cambridge: University Press.
- CAMPBELL, D. A. (1992), *Greek Lyric Poetry IV: Bacchylides, Corina, and Others*. Cambridge: University Press.
- EDMONDS, J. M. (1967), *Lyra Graeca* III. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- GOW, A. S. F. and PAGE, D. L. (1965), *The Greek Anthology: Hellenistic Epigrams*. 2 vol. Cambridge: University Press.
- GOW, A. S. F. (²1965), *Theocritus*. 2 vols. Cambridge: University Press.
- HEUBECK, A. et alii (1998), *A Commentary on Homer's Odyssey*. Oxford: University Press.
- JEBB, R. C. (1905), *Bacchylides. The Poems and Fragments*. Cambridge: University Press.
- LOURENÇO, F. (2003), *Homero. Odisseia*. Lisboa: Cotovia.
- LOURENÇO, F. (2005), *Homero. Ilíada*. Lisboa: Cotovia.
- LOURENÇO, F. (2006). *Poesia Grega. De Álcman a Teócrito*. Lisboa: Cotovia.
- LOYD-JONES, H. and Parsons, P. (1983), *Supplementum Hellenisticum*. Berlin: W. de Gruyter. [*Suppl. Hell.*]
- MAEHLER, H. (1989), *Pindarus. Pars II: Fragmenta, Indices*. Leipzig: Teubner.
- PAGE, D. L. (1962), *Poetae Melici Graeci*. Oxford: University Press. [PMG]
- PARSONS, P. J. (1992), “3695. Simonides. Elegies”, in E. W. Handley et alii, *The Oxyrhynchus Papyri* 59. London, 4-50.
- PINHEIRO, A. E. e RIBEIRO FERREIRA, J. (2005), *Hesíodo. Teogonia. Trabalhos e Dias*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SNELL, B. and Maehler, H. (¹1987), *Pindarus. Pars I: Epinicia*. Leipzig: Teubner.
- VAN THIEL, H. (1991), *Homeri Odyssea*. Hildesheim.

- VAN THIEL, H. (1996), *Homeri Ilias*. Hildesheim.
 WEST, M. L. (1966), *Hesiod. Theogony*. Oxford: University Press.
 WEST, M. L. (1978), *Hesiod. Works & Days*. Oxford: University Press.
 WEST, M. L. (1998), *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*.
 Oxford: University Press.

Estudos

- BOWRA, C. M. (1961), *Greek Lyric Poetry from Alcman to Simonides*.
 Oxford: University Press.
 COOK, A. B. (1900), “Iostephanos”, *JHS* 20: 1-13.
 FERRARI, G. (2008), *Alcman and the cosmos of Sparta*. Chicago: University
 Press.
 FERREIRA, L. N. (2005), *Mobilidade Poética na Grécia Antiga. Uma leitura
 da obra de Simónides*. Coimbra. Diss. Doutoramento.
 FRADE, S. (2006), “Colunas e Violetas: *Olímpica VI*”, in F. Lourenço
 (coord.), *Ensaio sobre Píndaro*. Lisboa: Cotovia, 47-55.
 GRONEWALD, M. and DANIEL, R. W. (2004), “Nachtrag zur neuen Sappho-
 Papyrus”, *ZPE* 147: 1-4.
 GRONEWALD, M. and DANIEL, R. W. (2005), “Lyrischer Text (Sappho-
 Papyrus)”, *ZPE* 154: 12.
 IRWIN, E. (1974), *Colour Terms in Greek Poetry*. Toronto: Hakkert.
 IRWIN, E. (1996), “Evadne, Iamos and violets in Pindar’s *Sixth Olympian*”,
Hermes 124: 385-395.
 JESUS, C. A. M. (2005), “Sempre uma nova luz sobre os dons das Musas.
 Um novo poema de Safo e outras relíquias papirologicas trazidas a
 público”, *Boletim de Estudos Clássicos* 44: 11-19.
 JESUS, C. A. M. (2008), *A Flauta e a Lira. Estudos sobre poesia grega e
 papirologia*. Coimbra: Fluir Perene.
 NASCIMENTO, A. A. (2006), “A construção do feminino: olhares cruzados
 (com leitura do novo poema de Safo)”, *Euphrosyne* n.s. 34: 9-17.
 OLIVEIRA, M. L. Flor (1967), “Musas e violetas em poetas gregos”,
Euphrosyne n.s. 1: 151-159.
 PLATNAUER, M. (1921), “Greek colour-perception”, *CQ* 15. 3/4: 153-162.
 POLTERA, O. (1997), *Le Langage de Simonide. Étude sur la tradition
 poétique et son renouvellement*. Bern: Peter Lang.
 RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. (1998), *El Léxico de los Poetas Lesbios*. Madrid:
 Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- TAILLARDAT, J. (1953), “Une prétendue forme laconienne chez Alcman:
*ἰανογλέφαρος (*Parthénée*, 69)”, *R.Phil.* 27: 131-134.
- WEST, M. L. (2005), “The New Sappho”, *ZPE* 151: 1-9.

